

# Apenas uma é Capitu

## Duas Meninas.

SCHWARZ, Roberto.

São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Virginia Woolf considerava que, enquanto cabia ao crítico lidar com o passado e com os princípios da obra examinada, a quem faz a resenha caberia uma descrição pormenorizada dos novos livros, à medida que saíssem do prelo. E acrescentava: conseguindo magoar o autor e persuadir o público a comprar ou a se abster de fazê-lo. Quando fazia resenhas, Virginia Woolf preferia dirigir-se aos autores dos livros, para lhes dizer porque gostava ou não de seus trabalhos, confiando que desse diálogo o leitor comum pudesse extrair alguma informação. Já Leonard Woolf considerava que, em noventa e nove por cento dos casos, quem resenha nada tem a dizer ao autor e só lhe compete dirigir-se ao leitor.

As resenhas de professores - e a minha não foge à regra - aproximam-se de pareceres que às vezes informam e outras vezes deformam a compreensão dos leitores, desviando as contribuições do livro resenhado para os interesses dos que fazem a resenha. Neste caso, praticante de *Análise de Documentação Histórica*, dirigida basicamente para o campo da História das Mulheres, e amadora na área de Literatura e Teoria Literária.

As *Duas Meninas* de Roberto Schwarz são a *Capitu*, de *Dom Casmurro* de Machado de Assis, e Helena Morley, autora do livro *Minha Vida de Menina*, que o crítico intitulou de *Outra Capitu*.

As duas são extraídas dos respectivos textos por um mergulho penetrante, que leva o leitor à convicção de que jamais teria folheado a obra prima de Machado de Assis, publicada em 1899, nem o diário de Helena Morley, de 1894, publicado pela primeira vez em 1942. Trata-se de estudo que inclui a fortuna crítica da obra, a análise do processo criador e dos gêneros romance e diário, para examinar com lentes de aumento e filtros distanciadores a sensibilidade das duas meninas, seus interrelacionamentos sociais e históricos e o tratamento literário que lhes deram.

É possível que a excessiva densidade do texto crítico confunda o leitor desacostumado a mergulhos nessas profundidades. É também possível que o surpreenda uma desespecialização aqui, uma experiência repertoriada ali, uns dias impossíveis acolá, tudo isso num país invivível. Mas é muito compensador superar o espanto e prosseguir na leitura.

Ainda que o crítico assegure que não se trata de nivelar as duas *Capitus*, pois o livro de Helena Morley não é um romance, nem *Dom Casmurro* uma coleção de cenas de época, situando-se, portanto em chaves diferentes, a apresentação sucessiva das duas supõe uma equiparação duvidosa.

*Capitu* é personagem criada primeiramente por Machado de Assis, mas secundariamente pelo clímax torturante do narrador - Bento Santiago. Seus decantados olhos de cigana, obliquos e dissimulados não vêm fixar diretamente o leitor. São sugeridos, analisados e interpretados por um marido que se considera traído. Toda a engenhosidade de Machado de Assis ao criar Bentinho e *Capitu* com ambigüidades e contradições que se desdobram, não impedem que a *Capitu* de Matacavalos e da Glória seja uma figura que aparece desqualificada sucessivamente em seus contornos por duas figuras masculinas, a partir de 1857 (meados do século XIX). Já a outra *Capitu* é autora de um diário escrito aparentemente sem pretensões artísticas, mas com uma função explicitada de guardar lembranças para o futuro, identificar alguma coisa que esclareça ou ensine a evitar armadilhas ou ainda mostrar à juventude moderna (de 1942) como era simples a vida que se levava em Diamantina, no limiar do século XX. Embora a tia professora achasse corriqueira a linguagem da sobrinha, essa mesma linguagem se mostra expressiva de alguém "avessa às marcas externas de distinção social e lingüística, sem figuras de linguagem nem rebuscamento sintático". Esta *Capitu* entra em comunicação direta com o leitor, transmitindo a ele sua experiência de menina da província, posterior ao fim da escravidão.

Essa diferença essencial entre as duas *Capitus* resulta no evidente fascínio do crítico pela menina de Diamantina, a quem dedica o dobro de páginas que à primeira, mas obstrui uma equiparação no exame de suas mentalidades.

A comparação entre as duas *Capitus*, duas meninas do século XIX, de famílias empobrecidas e dependentes de outras mais ricas, inconformadas e irreverentes, não pode sugerir uma equivalência, quando uma é quem escreve (é supostamente a autora do diário) enquanto a outra é sobre quem se escreve (ainda que quem escreve seja um criador de "milagres de organização impalpável do texto"). As duas aproximam-se também pela idealização de uma psicologia feminina da época (que se alterou de meados do século XIX para o fim do século) - têm uma natureza instintiva, estão confinadas a tarefas e sentimentos familiares e privadas do convívio direto com a estrutura social iníqua. As duas apresentam uma clareza mental, um gosto de cálculo e previsão, um senso das situações, uma constância de propósitos que, para a personagem de Bentinho, no interior da "gaiola da autoridade patriarcal" só poderia resultar em adultério, enquanto para a outra resultou num reconhecimento progressivo de sinceridade e capacidade criadora.

O desenvolvimento do processo do ciúme assassino de Bentinho resgata um a um os episódios que passa a ver como curiosidades malsãs, falsidades e cálculos utilitários daquela cujos olhos "longos e constantes tinham tido uma força que arrastava para dentro como a vaga que envolve, puxa e traga". A estatura "apequenada" das personagens masculinas de Machado de Assis não conscientizam o crítico, nesse resgate, da percepção arrastada que Bentinho tem das situações, nem das dificuldades de enfrentar condições penosas, apelando a juras e ao perjúrio sucessivamente. Nem se detém na véspera do afogamento de Escobar, quando num instante de vertigem e de pecado Bentinho "apalpou os braços do amigo como se fossem os de Sancha" e não conseguiu mais esquecer inteiramente "a mão que teve entre os dedos, nem os olhos que trocaram".

Sem a força da construção artística de *Dam Casmurro* e sem se afastar do dia-a-dia da vida da província, Helena Morley caracteriza, com muito senso de humor, ora positiva, ora negativa e alternadamente, as condutas próprias e alheias, as rivalidades entre os dependentes, as barbaridades dos primos mais ricos, que se acreditavam melhores, a lógica do obséquio e a lógica do dinheiro.

Fascinado pelo despojamento literário da escritora mineira, o crítico traça magistralmente os componentes múltiplos da estética irreverente e belicosa de Helena Morley. Aponta suas reações à ostentação social, à linguagem afetada,

à devoção fingida e aos narizes torcidos propondo se tal independência de espírito proviria do fato de ser uma criança, de ser uma mulher ou pertencer aos primos pobres de família poderosa. Não deixa de assinalar a situação "marginal" da menina, filha de pai inglês protestante e mãe mineira e católica. Sem serem condições determinantes, a situação subalterna e marginal pode constituir uma plataforma privilegiada de observação. O crítico liga ainda a prosa de Helena Morley a um gênero mineiro de humorismo e à "visualização precisa e a verbalização direta da sociedade provinciana e analfabeta, com uma memória absoluta dos acontecidos, do que foi dito, e da disposição das coisas". Aí se enquadram muito bem as rumações da autora sobre o egoísmo diante da má sorte desdobrando-as no conflito entre atitudes individuais e o familismo paternalista, de uma região empobrecida que favorece expedientes e onde "as condições sociais são encaradas pelo ângulo do cálculo espontâneo das conveniências".

Roberto Schwarz conclui que quando os cadernos foram publicados como livro, 50 anos depois de escritos, já na ditadura do Estado Novo, uma comparação com o grosso da literatura nacional era favorável ao diário de Helena Morley. "Sua forma quase desconvenionalizada coincide com a riqueza das relações internas" em contraste com o "verbalismo prestigioso, o culto à Ciência e ao Progresso e a pirotecnia bibliográfica, científica e filosófica". Ainda que à margem da evolução literária, ao atribuir formas de ignorância e superstição que chegam a custar a vida tanto a brancos quanto a negros e fazer um encadeamento enxuto dos fatos em que parentes, vizinhos, gatos, frangos, frutas e verduras aparecem coloridos pelo desempenho de seus papéis, a outra *Capitu* incorpora o ponto de vista dos desvalidos, dos parentes pobres, dos ex-escravos, das mulheres, do trabalho, dos esfomeados, dos bichos e da criança. Aproxima-se aqui da vanguarda artística dos anos 30, para a qual o "nosso acervo de relações coloniais poderia ser um trunfo positivo, ao menos estético".

O livro de Helena Morley foi publicado com o sub-título de *Cadernos de uma menina provinciana*, nos fins do século XIX, que parece ao crítico uma condescendência com escritoras juvenis, lugares atrasados e tempos idos. Também neste caso, a outra *Capitu* assume um traço feminino já estudado em diversas autoras - a auto-desqualificação ou o ocultamento, com vistas a uma publicação e uma recepção menos discriminatória.

Embora fosse possível falar de Duas Meninas, estas duas meninas não são comparáveis, ou, pelo menos, não poderiam ser tomadas como *Capitus*. A personagem de Machado de Assis é apresentada como uma calculista determinada ou quem sabe apenas mais inteligente que o marido, enquanto Helena Morley, como o

crítico termina observando, pode ser inserida na literatura brasileira entre os autores que apresentaram os fundamentos históricos e sociais em que a escravidão e a população pobre foi examinada.

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE ■

## A exclusão começa cedo

### Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.

LOURO, Guacira Lopes.

Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

A categoria gênero não é ainda de uso corrente nos trabalhos da área de educação e a prática educativa raramente leva em conta que está posta para ela, no momento em que está se dando, a construção de gêneros... mas isso é coisa que todo mundo sabe. Na área de educação trata-se as crianças de crianças, as alunas de alunos, os estudantes de estudantes, as professoras de professores e estamos conversados. Não é nem de muito bom tom dizer meninos e meninas, alunos e alunas, professores e professoras. Mesmo quando a maioria dos "profissionais da educação" é mulher... ainda assim são professores. Na rede municipal de Belo Horizonte, há doze homens lecionando nas séries iniciais e são - por isso, é claro - todas professoras. Mesmo quando o recorte de um texto aponta claramente para mulheres em exercício de uma profissão, dizem "os professores das séries iniciais". Mesmo a uma platéia feminina diz-se "você, professores". A algumas já dói nos ouvidos e no coração: "alguma coisa não vai bem, eu não sou de quem falam". A outras isso passa despercebido, ou porque é natural que se fale assim, ou porque é correto. Falar em os/as é também chato, muito chato. É claro que é correto! As normas da língua mandam que se use o gênero masculino sempre que houver um desse tipo incluído; o Homem é toda a raça humana etc. etc.. Feministas, lúcidas e lúcidas de qualquer credo, já escreveram e falaram ad

nauseam sobre isso. Mas na área de educação seu eco tarda a ser ouvido. Não creio que em outras áreas das ciências sociais seja muito diferente, mas na educação a dificuldade em mudar preocupa e amola quem está vivendo a teoria e a prática, na medida em que é lá, nas séries muito iniciais, que começa a exclusão e a luta pela inclusão. É bem disso que o livro em questão trata.

Na Apresentação do livro - que, digo desde já, é muito importante e presta enorme serviço à área de educação -, Guacira Louro revê sua trajetória de professora e mulher participante do combate pela mudança. "Acho que não me via como feminista no final dos anos 60. (...) moça bem comportada, normalista e depois estudiosa de História. Ser professora era mais do que uma possibilidade, parecia um destino." Essa declaração vai ancorar-se historicamente com o que vai ser contado no primeiro ensaio do livro, A Emergência do Gênero.

Dividido em números - de 1 a 7 - titulados e sub-titulados, o livro é composto de ensaios que têm o formato e a medida certa para os fins a que pode se destinar. Uma coisa é o destino que um autor ou uma autora darão a seu livro, quando sonham com isso no momento em que o estão escrevendo. E escrevem o texto, de uma forma ou de outra, exatamente porque "pensam" nesse leitor/a que é o que querem que leia o livro. Outra coisa é o leitor/a que o texto consegue produzir. É certo que um livro produz seu leitor/a e quando se trata de temas nos quais estão necessariamente implicados - mas não necessariamente conscientes disso - a leitura, o leitor/a e o livro fazem-se conjuntamente.

Pelo que Guacira Louro nos revela na Apresentação e por sua conhecida trajetória na área, este livro estava no forno já há algum tempo. Por exemplo, o GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero -